

## O BESTIÁRIO MEDIEVAL E A LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: UM DIÁLOGO LITERÁRIO E CULTURAL ENTRE ANA MARIA MACHADO E JOSÉ JORGE LETRIA.

Rosemar Coenga<sup>1</sup>  
Fabiano Tadeu Grazioli<sup>2</sup>

**Resumo:** Partindo de uma conceituação teórica em torno da monstruosidade e da constância deste *topos* na tradição literária, pretende-se, com neste trabalho, realizar uma análise da construção do bestiário medieval num conjunto de obras portuguesa e brasileira destinadas à infância.

**Palavras-chave:** bestiário medieval, Ana Maria Machado, José Jorge Letria.

**Abstract:** From a theoretical conceptualization around the monstrosity and the constancy of this *topos* in literary tradition, it is intended with this work, perform an analysis of the construction of a medieval bestiary series of works intended for Portuguese and Brazilian children.

**Keywords:** medieval bestiary, Ana Maria Machado, José Jorge Letria.

### Um pouco de história

Ante a presença da complexidade dos tempos atuais, da multiplicidade de linguagens e da rapidez das informações, compete aos educadores percorrer, junto às crianças e jovens, a leitura crítica e criativa, que os levem a partilhar com os textos de autores de hoje e de ontem, criando tramas interativas em crescente simbiose.

No artigo *Literatura para crianças e jovens: diálogos Brasil, Portugal e África* (2012), Gregorin Filho, destaca que para constituir um diálogo com diferentes culturas de língua portuguesa para crianças e jovens, torna-se necessário compreender alguns propósitos para esse tipo específico de texto e da sua relação com a criança, a citar:

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria Literária e Literaturas. Assessor técnico da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade de Passo Fundo.

- a) a concepção da criança como ser educável, isto é, aprendiz de cultura durante a sua vida;
- b) concepção de literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial-social-cultural;
- c) valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura;
- d) compreensão da leitura como um diálogo entre leitor e texto e entre diferentes contextos;
- e) compreensão da escrita (produção textual) como um ato interdiscursivo e intertextual.

Nota-se na passagem acima, uma preocupação bastante acentuada em revitalizar e promover o diálogo entre as diferentes culturas, exemplo disso, são os textos que perscrutam o imaginário de modo interativo, intertextual e multidisciplinar serão elencados e estudados neste trabalho, a partir das obras de Ana Maria Machado e José Jorge Letria.

Com efeito, a partir de uma abordagem alicerçada na valorização do ato receptivo na conformação de sentidos textuais, ler implica inextrincavelmente relacionar cada “texto lido aos demais (textos-vida+textos lidos) para reconhecê-los, significá-los, assimilá-los; processo que dota o Leitor da capacidade de Ad-mira-ção (olhar que aprende e apreende) e o torna um Leitor-Sujeito de sua própria História. Ato de leitura que é revolucionário, pois transforma o leitor passivo em leitor ativo, um co-autor, doador de sentidos”. (Góes, 1996, p. 16), na medida em que “nenhum texto é lido independentemente da experiência que o leitor tem de outros textos” (Eco, 1986, p.86), como sublinhou Umberto Eco.

Encontra-se na literatura portuguesa e brasileira contemporânea para crianças e jovens uma significativa riqueza e variedade de propostas, que vão desde a realidade à fantasia, das histórias de animais às narrativas de

aventura e mistério. Ora, é neste quadro teórico que nos propomos apresentar dois títulos da considerável produção literária de Ana Maria Machado e José Jorge Letria, visto que suas leituras possibilitam o nascimento quase instantâneo de diálogos intertextuais que impulsionam o cruzamento de temáticas, de estruturas textuais, de valores, de universos recriados e de elementos do quadro simbólico, entre outros.

Ao traçar um balanço historiográfico da análise e crítica literária para crianças e jovens, alguns pesquisadores dentre eles: Leonardo Arroyo, com a obra *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1968), Nelly Novaes Coelho, com as obras *Literatura Infantil: teoria, análise e didática* (1993) e *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil* (1991), Marisa Lajolo e Regina Zilberman, com *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (1991), tomaram para si a incumbência de rastrear e recuperar quase um século de história — de 1890 a 1984 — através do levantamento de títulos e autores, relacionando-os a períodos da cultura brasileira.

O primeiro período estende-se de 1890 a 1920 engloba as produções anteriores a Monteiro Lobato: “representados pela tradução e adaptação de várias histórias europeias que, circulando muitas vezes em edições portuguesas, não tinham, com os pequenos leitores brasileiros, sequer a cumplicidade do idioma. Editados em Portugal, eram escritas num português que se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros”. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 31).

A partir do segundo período (1920 a 1945), a produção para crianças e jovens assume uma nova feição, ampliando o número de obras, o volume das edições, bem como o empenho das editoras em publicar obras voltadas para a infância e juventude.

Com a publicação em 1920, de *A menina do Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato inaugura uma nova fase, promovendo a renovação do gênero fundando as bases de um projeto estético para crianças e jovens.

No terceiro período (1945 a 1970), dentro do qual se insere o Golpe Militar, há a consolidação do mercado editorial, a expansão da escola e a produção de livros em série para atender à demanda dos mediadores de livros: escola, família e Estado. De maneira geral, a vida rural, arcaica e decadente, é imaginada, e a vida urbana, ignorada.

No quarto período (1971 a 1984), época do “milagre econômico”, auge da Ditadura Militar, surge uma ampla produção voltada a crianças e jovens, além de uma vertente da crítica a pesquisar esses novos títulos.

No capítulo *Indústria cultural & renovação literária*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, apresentam os escritores e as tendências atuais, avaliando como a atual década de 80 e a ampliação da literatura infantil após os anos 60 e 70. As tendências delineadas pelas pesquisadoras incluem: a) a crítica da sociedade brasileira, principalmente, a miséria e o sofrimento infantil, numa encenação realista do contexto social presente nas obras *Justino, o retirante* (1970), de Odete de Barros Mott, *Pivete* (1977), de Henry Correia de Araújo, *O menino e o pinto do menino* (1975), de Wander Piroli e outras; b) a imagem modelar da criança obediente e passiva frente à rotina escolar é suplantada pela criança capaz de rebeldia, de ruptura com a normalização do mundo dos adultos na busca de liberdade de expressão e pensamento presente nas obras *Soprinho* (1973), de Fernanda Lopes de Almeida, *A fada encantada* (1975), de Elvira Ganem, *História meio ao contrário* (1979), de Ana Maria Machado e *Onde tem bruxa tem fada* (1979), de Bartolomeu Campos Queirós; c) a valorização da criatividade e da capacidade infantil de inventar, imaginar novas realidades, deslocar as verdades cristalizadas ou estereotipadas estão presentes em

*Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias* (1976), de Ruth Rocha, e *O menino maluquinho* (1980), de Ziraldo; d) outra tendência presente nos anos 70 e 80 é a propagação de alguns gêneros e temas, como a ficção científica e a narrativa de mistério, presente nas obras *O gênio do crime* (1969), de João Carlos Marinho, e *O caso da estranha fotografia* (1977), de Stella Carr.

### **Breve história da literatura infantil em Portugal**

Preende-se historiar, nos parágrafos seguintes, apenas os momentos significativos que especificam evolutivamente o cenário editorial da literatura produzida para crianças e jovens em Portugal. Dentre os estudos mais relevantes da literatura infantil e juvenil em Portugal destacam-se os seguintes trabalhos *Literatura Infantil portuguesa — de temas emergentes a temas consolidados* (2008), de Angela Balça e *Literatura para a infância em Portugal: conceptualização e contextualização histórica* (2007), de Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa Rodrigues.

A pesquisadora Carina Rodrigues traça uma abordagem ampla do panorama histórico da literatura crianças em Portugal e dá conta da relação entre o texto e a criança. Reforça que a evolução das condições histórico-culturais, tanto no estrangeiro como em Portugal, tem grande influência na evolução da história do livro.

Segundo a autora (2007), grande parte das histórias que normalmente são tidas como para as crianças provenientes dos estudos folclóricos nascidos em reuniões familiares ou em grupos de amigos, tinham servido para adormecer ou entreter as crianças. Por esse motivo, as leituras em grupo, no dizer de Carina Rodrigues, tornavam-se deleitosas.

No século XIX, as coletâneas de contos tradicionais dedicadas às crianças ampliaram-se ao longo do século XIX. Assiste-se, então, um novo

emergir da literatura infantojuvenil em Portugal, que terá tido o seu auge por volta de 1930, altura em que passou a ter moldes semelhantes aos atuais.

Anterior a esta data, não há praticamente registro de qualquer “produção genuinamente portuguesa”, no dizer da autora (p. 172), havendo principalmente adaptações ou traduções de obras estrangeiras, as quais, aparentemente não conseguiam estimular nas crianças o gosto pela leitura.

A literatura infantil portuguesa conheceu uma rápida evolução a partir da geração de 70, que impulsionou discussões acerca da literatura elementar, bem como reflexões sobre a educação das crianças, uma vez que na Europa já havia o cuidado de proporcionar as crianças uma literatura adequada.

O período de amadurecimento da literatura para crianças é o século XIX. Contudo, em Portugal, grande parte da literatura para criança continua a assentar na tradução de textos franceses, sendo poucas as produções nacionais.

É somente, no final do século XIX, que os autores nacionais publicam seus trabalhos. Exemplo disso são as publicações de Guerra Junqueiro, Pinheiro Chagas e Adolfo Coelho, que ainda com uma abordagem didática, imprimem aspectos lúdicos.

A partir dos últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX, em Portugal, abriu-se um novo momento no que diz respeito à literatura infantojuvenil. De fato, nesse período, houve um aumento significativo da produção literária destinada ao público infantil e juvenil.

A partir daí, até a contemporaneidade, tem ocorrido um aumento de interesse pela literatura para as crianças e os jovens, despontando nomes de escritores expressivos nesse campo, por exemplo, em obras como: *O ouriço-cacheiro espreitou 3 vezes* (1980), Maria Alberta Menéres, *O sonho de Mariana* (2003), Antonio Mota, *Um gato sem nome* (1992), Natércia

Rocha, *O elefante cor de rosa* (2003), Luísa Dacosta, *A árvore* (1985), Sophia de Mello Breyner Andresen, *A fita cor de rosa* (2005), Alice Vieira e outros.

A pesquisadora Angela Balça ao identificar os temas emergentes na literatura infantil portuguesa, por volta dos anos 70 até a atualidade, destaca que na literatura produzida para crianças e jovens, figuram os seguintes temas: questões ambientais, multiculturais, políticas e sociais da sociedade portuguesa. Também evidencia um trabalho mais próximo da literatura tradicional, através da reescrita de contos. Antonio Torrado, com *Histórias tradicionais portuguesa, contadas de novo* (2000), e, em parceria com Alice Vieira e José Jorge Letria, com *Contos da China Antiga* (2002), *Lendas e contos judaicos* (2003) e *Contos e lendas do Japão* (2004).

### **Sobre a literatura infantil de José Jorge Letria**

José Jorge Letria possui uma produção literária muito diversificada em temas e gêneros, dada sua produção poética para adultos, como *O fantasma da obra* (antologia de 1973 a 1993), ou *Manuscritos do mar vivo* (2000), *Meu Portugal Brasileiro* (2008), *O que Darwin escreveu a Deus* (2009), *Coração sem abrigo* (2009), *A última valsa de Chopin* (2010), e coletâneas de poemas endereçadas a crianças – como *Pela casa afora* (1977) ou *Versos de fazer ó-ó* (1999), *A casa da poesia* (2003), ou narrativas infantis: *Como por enquanto* (1996), ou ainda lendas que exigem pesquisa e reconto, tais como: *Contos da China antiga* (2002), *Lendas da Terra* (2003), *Lendas do Mar* (2003), *Contos e Lendas do Japão* (2004), *Era uma vez um rei poeta* (2010); narrativas para jovens como *O Cavaleiro do Vento* (1991), *O Homem que tinha uma árvore na cabeça* (1991) e *Carta aos heróis* (1998), dentre outros. É indiscutivelmente, um

dos escritores de maior expressão literária portuguesa, possuindo obras que abordam temas atuais, de grande relevância para a formação humanística e cultural de crianças e jovens.

### **Sobre a literatura infantil de Ana Maria Machado**

A escritora Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941. Em 1969, já formada na área de Letras e atuando como professora universitária iniciou, ao lado de Ruth Rocha e Joel Rufino, a escrever para uma revista destinada ao público infantil, chamada *Revista Recreio*.

Foi perseguida pela Ditadura Militar e necessitou exilar-se em Paris, onde trabalhou como jornalista para a revista *Elle*, lecionou na Sorbonne e continuou colaborando com a revista *Recreio*. Escreveu sua tese sob a orientação do semiólogo Roland Barthes, sobre a obra de Guimarães Rosa. Ao retornar ao Brasil, continuou escrevendo, lançando em seu primeiro livro *Bento- que-bento- é –o- frade* (1977). Nesse mesmo ano, inscreveu os originais de *História meio ao contrário* em um concurso literário. Com essa história, a escritora conquistou os prêmios: João de Barro e o Jabuti.

No gênero Literatura infantojuvenil, é a escritora brasileira mais premiada dos últimos tempos, tornando-se em 1993 *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Obteve em 2000 o reconhecimento internacional pelo conjunto de sua obra com Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o “Nobel” da literatura para crianças e jovens.

Em 2003, Ana Maria Machado foi eleita para ocupar a cadeira número 1 na Academia Brasileira de Letras, façanha, pela primeira vez,



conquistada por um escritor cuja parte significativa da obra se volta ao público infantil e juvenil.

### **O bestiário medieval na literatura destinada a crianças e jovens**

Monstros: o que são? quem são eles? O dicionário Aurélio (2000) os define como “corpo organizado que apresenta, em todas as suas partes ou em algumas delas, conformação anômala; aberração; ser fantástico, da mitologia ou da lenda, de conformação extravagante”. (p. 1156).

Na obra *Os anormais* (2001), Foucault diz que o monstro, no período que compreende a Idade Média até o século XVIII, é basicamente o misto: mistura de dois reinos (o homem com pés de ave), de duas espécies (o porco com cabeça de carneiro), de dois indivíduos (aquele que tem duas cabeças e um corpo), de dois sexos (um hermafrodita), da vida e da morte (o feto que sobrevive alguns dias com uma morfologia que não lhe permite viver), de formas (quem não tem pés ou braços). Isto posto, o monstro é um fenômeno tanto extremo como raro: é o limite, o ponto de inflexão da lei, aquele “que combina o impossível com o proibido”. (p. 70).

As reflexões aqui apresentadas sobre monstros e monstruosidades serão feitas no sentido de estabelecer um diálogo com as obras *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média* (1993), de Claude Kappler e *Monstros e Monstruosidades na Literatura* (2007), de Júlio Jeha.

Para Julio Jeha (2007) “monstro corporifica tudo que é perigoso e horrível na experiência humana” (p. 7). Diz ainda que “o mal é qualquer obstáculo que impede um ser de alcançar a perfeição que, não fosse por isso, ele poderia atingir” e que “o mal é a desordem da vontade humana” (p.13). Daí, a monstruosidade ser assinalada, como estratégia para rotular tudo

que infringe os limites culturais, morais, psicológicos, é o nosso lado negativo de nossa imagem. Então, mal é o mesmo que monstruosidade, explica Jeha.

Nesta perspectiva de abordagem Claude Kappler em pesquisa desenvolvida em torno do imaginário do homem na Idade Média, intitulado *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média* (1993) tece considerações sobre o trato, a função e os papéis dos monstros (animais) na estrutura da mentalidade medieval, bem como apresenta uma compreensão moderna da presença deles na literatura contemporânea. Argumenta que “modernamente não entendemos mais o monstro (bicho) à maneira medieval. Para os modernos o monstro é mistério, escândalo, espécie maldita; está ligado à patologia seja da natureza dos artistas criadores ou do espírito humano geral”. (p.104).

Os monstros, nas suas mais diferentes formas, é uma das temáticas mais remotas e frequentes da história da Humanidade e da sua cultura e encontra-se representada em muitas demonstrações artísticas, como a pintura, a escultura, o cinema e a literatura. Pensando em um sentido amplo, os contos de fadas são habitados por seres monstruosos: feras (como em *A Bela e a fera*, de Madame Leprince de Beaumont, *Pele de Asno*), monstros (como em *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak) e tantos outros que até hoje encantam as crianças, não só pela beleza literária de suas histórias, mas principalmente porque o imaginário e o maravilhoso se originam no humano, nas emoções humanas.

No contexto desta temática e no que diz respeito ao universo da produção literária, eleje-se como objeto de análise as obras *Os animais fantásticos* (2008), de José Jorge Letria e André Letria e *De fora da arca* (1996), de Ana Maria Machado, com desenhos de Ziraldo. Letria e Machado, tecem, respectivamente, nas obras em análise, uma trama em que

dialogam palavra e imagem, na qual o leitor é convidado a transitar pelos nós de um tecido labiríntico e plurisignificativo. O ponto de partida nas obras analisadas são os bestiários direcionando o nosso olhar para a questão dos animais e outros seres. No artigo *Alguns bestiários na literatura brasileira contemporânea* (2010), Eduardo Jorge de Oliveira e Maria Elisa Rodrigues Moreira, observam que o bestiário se firma enquanto gênero entre os séculos XII e XIV. Trata-se de um livro que aborda, classifica e cataloga animais reais ou fabulosos. Tornou-se muito popular ao longo da Idade Média, apresentando-se em prosa ou em verso, caracterizando-se, pela relação entre imagem e texto verbal através da permanente presença das iluminuras e possuir, na maior parte dos casos, uma proposta moral e didática. Dessa forma, os animais (existentes ou não), desempenham símbolos de vícios ou virtudes e fonte de ensinamentos religiosos ou morais, esclarecem os pesquisadores.

No contexto da publicação portuguesa, merece particular destaque *Os animais fantásticos* (2008), de José Jorge Letria e André Letria. Este “bestiário” de animais fantásticos, verdadeiros e maravilhosos, corresponde à recuperação de um patrimônio cultural que tem preenchido o imaginário de várias culturas e mitologias ao longo dos séculos. Trata-se, de uma obra, que objetiva aproximar a crianças e jovens leitores de hoje, pela magia do texto poético e das ilustrações de grandes dimensões.

Os textos, são escritos em primeira pessoa, apresentam uma curta biografia do animal, aproximando os pequenos leitores através da ativação da memória intertextual e cultural, é o caso de Basilisco:

Eu sou a estranha mistura de um galo e de uma serpente que põe um ovo enfeitado mesmo aqui à nossa frente, deixando um sapo de atalaia armado em bicho valente. Eu tudo e nada sou, sendo o ser que se enleia nos dez ramos do luar que nascem de lua cheia. No fundo, não sei ao certo o que fui e o

que serei e cada vez estou mais perto de um mundo que não inventei. Abro um livro muito antigo que descreve o meu olhar e nele se diz que outros olhos nos meus não se podem fixar. Há gravuras que me mostram num febril serpentear em manobras enleantes de quem só quer enfeitiçar. Se sou ave e sou serpente, com espinhos e patas de galo, talvez saibam de que bicho e que afinal eu vos falo, tão quieto e inofensivo que até há quem pergunte se eu ainda estarei vivo. Tenho uma casa de névoa de outro lado do dia; se quiserem dar-lhe nome chamem-lhe Mitologia. (p. 5).

Apontamentos cômicos pontuam as várias composições poéticas, como, por exemplo, no caso do Ciclope:

Eu venho de parte incerta, do fundo mais fundo tempo, guiado pela lua cheia e pelo uivo cortante do vento, e sei que falam de mim as páginas da “Odisseia”. Dizem que sou um de três, todos filhos de Urano, senhor de poder infinito que a estes três filhos deu consistência de mito. Podem chamar-me de Polifemo, o que aparece num mosaico romano recebendo das mãos de Ulisses uma traça com o mágico vinho negro da Trácia. De mim podem dizer tudo, verdades e mesmo tolices, que de toda a fantasia há uma certeza que me resta: a de ter nascido possante e com um olho no meio da testa. Dizem ainda os poetas antigos que eu e os meus irmãos erguemos as muralhas de Micenas só com a força das nossas mãos. E este olho que eu tenho não é fruto d engenhosa fantasia, nem sequer assunto de estudo para os médicos de oftalmologia. (p. 12).

Várias são as alusões ao fato de os seres mencionados pertencerem ao domínio da ficção, apresentando-se como personagens referenciais, como é o caso do dragão, quando destaca que:

Pela boca deito chamas, pelas narinas também. Sou o dragão das fábulas que não faz mal a ninguém. Já combati guerreiros com armaduras de vento e assaltei castelos, mas só em pensamento. Já rapti princesas, filhas de reis tiranos, e dou por mim a pensar: foi há tantos, tantos anos! Os chineses acreditam que ainda tenho o meu lugar nos sonhos e nos folguedos que fazem para me agradar. Para eles não sou maldito, sequer ameaçador: sou pássaro e sou serpente, sou o dragão voador. Já resisti aos feitiços de duendes, bruxas e fadas e tenho lugar cativo nas histórias encantadas (p. 14).

A obra da escritora Maria Machado *De fora da arca* (1996) é marcada por um intenso diálogo com a Bíblia, presente desde o título da obra que nos remete à narrativa judaico-cristã, calcada num trabalho de reelaboração ficcional desse texto fundacional, vem se somar a um sem-números de escritores que se propuseram a refazer, criativamente, o mesmo conjunto de textos. Ana Maria Machado busca nas várias mitologias e culturas diversas formas que povoam o imaginário das pessoas: dragão, sereia, o pássaro íbis, centauro, etc. São bichos que conhecem através da fantasia, das histórias narradas há séculos.

*De Fora da Arca*, de Ana Maria Machado, nasceu da idéia de se perguntar o que teria acontecido com quem ficou de fora da Arca de Noé, quando do Dilúvio. Segundo a própria autora, esta história, somada ao pensamento voltado para algumas espécies em extinção – arriscadas de ficar “de fora”, apesar do esforço dos ecologistas – foi o que a inspirou e a levou a buscar outro material, o dos bestiários medievais, “listas de animais fantásticos, imaginários, em ordem alfabética, ilustrados com um delírio imaginativo assombroso (...) [e, que], como vivem na imaginação, exigem um esforço de preservação diferente mas não se extinguem enquanto forem lembrados”.

A renovação da história cristã pauta-se pela linguagem criativa e humorística de Ana Maria Machado se faz notar a cada instante. Com o humor, o jogo atribuindo a surdez de Noé:

- Mas onde é que o Senhor quer que eu guarde esses bichos todos
- Na barca.
- Na arca — repetiu Noé, que já tinha mais de quinhentos anos e não escutava bem, achava sempre que barca era arca. (p. 7).

Em seguida, as entidades míticas surgem e são descritas iconicamente, através de escolhas muito ricas em recursos sonoros e verbalmente visuais. Em *De fora da arca*, a construção das imagens faz-se por analogias:

Basilisco tem peito e cabeça de galo e rabo de lagarto, com ferrão na ponta. O olhar dele mata, o bafo dele queima, e ainda tem um fedor de deixar a gente tonta. Tem corpo de serpente mas não se arrasta, só rola. Vai girando em espiral, como se fosse uma mola. (p. 7).

Aos animais, na obra *De fora da arca* e *O Animais fantásticos*, cujas existências se dão tão somente no imaginário, é dada uma imagem que se perfila em torno das correspondências com seres da natureza e objetos conhecidos, visíveis ao nosso consciente, tornando possível a projeção, sobre a imaginação do leitor, dessa entidade, e tantas outras como o unicórnio, anfibena, esfinge, fênix, grifos, hidra, sereia e outros. Os personagens mitológicos são renovados também na medida em que a narrativa desmistifica seus aspectos aterrorizantes.

Por fim, os autores demonstram em seus textos a importância da lembrança e da memória, revendo as figuras do mágico e do fantástico em contos, mitos e lendas do passado em intertextos urdidos em José Jorge Letria e Ana Maria Machado.

## Referências

BALÇA, Ângela. Literatura infantil portuguesa — de temas emergentes a temas consolidados. Disponível em [www.1er.letras.up.pt](http://www.1er.letras.up.pt). Acesso em 05 de maio de 2012.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura para crianças e jovens: diálogos Brasil, Portugal e África(s). Disponível em [www. unifran.br](http://www.unifran.br). Acesso em 05 de maio 2012.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Mercuryo, 1996.

JEHA, Julio (Org.). **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge e MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Alguns bestiários na literatura brasileira contemporânea. In. **Revista Crioula**. São Paulo, nr.7, mai.2010.

RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa. Literatura para a infância em Portugal: conceptualização e contextualização histórica. Disponível em [www. editora. unoesc.edu.br](http://www.editora.unoesc.edu.br). Acesso em 05 de maio de 2012.

#### **Obras analisadas:**

LETRIA, José Jorge. **Os Animais fantásticos**. São Paulo: Peirópolis, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **De fora da arca**. São Paulo: Ática, 1996.